



LETRAMENTO LITERÁRIO E A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO NO ENSINO MÉDIO.

Silvana Aparecida Batista e Almeida
Universidade Federal de Minas Gerais/ silvana.ap.batista1@gmail.com

Resumo: O presente estudo apresenta reflexões sobre a importância do letramento literário na formação de um leitor que seja capaz de se posicionar diante dos textos que lê. Propusemos estratégias de leitura, baseando-nos na sequência de letramento literário de Cosson (2016), para o estudo do conto “Teleco, o coelho”, de Murilo Rubião. As atividades foram desenvolvidas com alunos do 1º Ano do Ensino Médio, em uma escola da Rede Estadual, na cidade de Pará de Minas, Minas Gerais. Demonstrar-se-ão as contribuições que o conto fantástico traz para a formação de um leitor competente.

Palavras-chaves: Letramento literário, formação de leitores, estratégias de leitura, conto “Teleco, o coelho”

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo visa refletir sobre a importância do texto literário para o desenvolvimento de um leitor competente, a partir do gênero textual conto fantástico. Os ensinamentos disseminados pelo gênero literário são imprescindíveis e inigualáveis para a formação do ser humano. Assim, acreditamos que a inserção, no contexto de sala de aula, da leitura, da análise e da interpretação desse gênero textual, que proporcione criticidade sobre o ser humano e sua relação com o cotidiano, seja um facilitador para construção do leitor como cidadão crítico e consciente, vislumbrado pela escola.

Almejando esse intento, buscou-se realizar um trabalho sistemático com o texto literário, um aliado poderoso, não um mero instrumento de ensino de gramática. Referimo-nos, aqui, a práticas de leitura capazes de suscitar profundas reflexões como meio de interlocução de saberes, de modo a enriquecer o imaginário, a sensibilidade e a construção do pensamento.

A partir da leitura do conto Teleco, o coelho, de Murilo Rubião, um conto fantástico, cuja temática são as transformações repentinas do coelho em outros animais numa tentativa, improfícua, de adaptação a este mundo, discutimos a metamorfose da juventude, o porquê de o ser humano não se contentar com que o que ele é. Este é um ponto que deve ser bastante discutido na escola para a promoção da aceitação e do respeito às diferenças.



Para alcançar os nossos propósitos e respaldar a importância do letramento literário e da literatura para a formação do leitor crítico, reportamo-nos a teóricos como Soares (2004), no que se refere aos conceitos de letramento; Candido (1995), no que concerne ao conceito humanizador da literatura e Cosson (2016), sobre o texto literário em sala de aula.

2 O TEXTO LITERÁRIO E SUA PRÁTICA NA SALA DE AULA

Nas últimas décadas, os documentos oficiais têm retratado a leitura como modo de interação texto-leitor, em que o aluno compreenda a leitura em suas diferentes dimensões: o saber, a necessidade e o prazer de ler, além disso, que seja capaz de se posicionar diante do que lê nos textos. Ademais, estão em voga conceitos de leitura da Linguística Aplicada na perspectiva do texto, do leitor e da interação autor-texto-leitor. Dessa forma, a nossa proposta de trabalho parte dos preceitos de que as propostas didáticas de ensino de Língua Portuguesa devem-se pautar em torno da análise do texto de modo que os alunos possam identificar valores e possíveis preconceitos veiculados nos textos.

Existem muitas definições de literatura, escolher uma não é tarefa fácil, já que o seu lugar na humanidade tem uma proporção incomensurável. Entretanto, para a nossa reflexão sobre letramento literário, a que melhor nos contempla é a creditada a Candido (1995) em que ele trata como literatura tudo o que tiver um toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, perpassando pelo folclore até as formas mais complexas e difíceis de produção e enriquecendo a nossa visão de mundo.

Desde os primórdios, o homem sempre teve necessidade de estar em contato com os outros, de se comunicar, contando o seu dia a dia, suas histórias, propalando sua cultura pelo mundo por meio das mais diversas manifestações, como a literatura. Muitas vezes, numa espécie de fabulação, ou seja, numa ação de substituir a realidade por uma aventura imaginária, pois o que se conta pode ou não ser verdadeiro, pode ou não representar a realidade. Ao se considerar a escrita, temos o conto, um gênero caro à literatura, que se caracteriza por envolver o leitor em sua trama, em seus mistérios, em um curto prazo de tempo de leitura, instigando o leitor em poucas páginas. O conto é uma narrativa curta, com um único conflito a ser resolvido, com



poucas personagens envolvidas e proporciona ao leitor adentrar no universo oferecido pelo narrador.

Magda Soares, num artigo publicado pela Revista Educação, em 2004, rememora que, em 1985, já vislumbrava o conceito de letramento, quando diz "(...) relendo, hoje, *As muitas facetas da alfabetização*, encontro ali já anunciado, sem que ainda fosse nomeado, o conceito de letramento(...)". Ainda conforme a autora, o termo letramento surgiu no contexto das grandes transformações políticas, culturais, sociais, econômicas e tecnológicas, de modo a ampliar o sentido do que tradicionalmente se entendia por alfabetização. É importante ressaltar também que a discussão do conceito de letramento, mesmo com tentativas de diferenciação pela produção acadêmica, ainda se dá enraizada ao conceito de alfabetização, provocando uma junção inadequada e inconveniente desses dois processos, sobressaindo o letramento, o que de certa forma tem promovido o apagamento da alfabetização, "a desinvenção da alfabetização", nos dizeres de Magda Soares.

O letramento literário faz parte da expansão do uso do termo letramento. Trata-se também de uma prática social comunicativa, mas que tem uma maneira diferenciada de lidar com a escrita, uma vez que a literatura tem um espaço diferenciado em relação à linguagem. Cosson, em seu livro *Letramento Literário: teoria e prática* (2016), postula que é no exercício da literatura que podemos ser outros, que podemos viver como os outros, que podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda sim, sermos nós mesmos.

3 METODOLOGIA

Para realização da proposta ora apresentada, utilizamo-nos da pesquisa qualitativa, a qual nos permite observar o fato no meio natural, ou seja, na sala de aula.

Para a aplicação das atividades com o conto fantástico, o nosso público-alvo foi uma turma do primeiro ano do Ensino Médio, constituída por 40 alunos, com faixa etária entre 14 e 16 anos, na Escola Estadual Fernando Otávio, na cidade de Pará de Minas, Minas Gerais. Trata-se de uma turma heterogênea intelectualmente, alguns alunos com experiências leitoras bem elaboradas e outros com pouca ou nenhuma experiência, restringindo apenas ao livro didático. A prática de leitura constituiu-se com base no letramento literário de Cosson, na sequência expandida, com duração de 4 aulas de 50 minutos.



4 ANÁLISE DOS RESULTADOS / PRÁTICAS DE LEITURA

A leitura de um conto fantástico não é tão simples como as características de um conto. Esse gênero textual pode proporcionar uma leitura tensa e densa na medida em que os fatos acontecem de forma estranha e inusitada como no conto Teleco, o coelho, de Murilo Rubião. Esse conto foi publicado, pela primeira vez em 1965, em os Dragões e outros contos. No livro, o autor faz uso de diversos recursos para realizar a desconstrução crítica da realidade.

A escolha desse conto foi por ele se enquadrar na denominação e caracterização do conto fantástico, um conto recheado de fantasia, mistério, suspense e questionamentos. Murilo Rubião cria uma ambientação que vai além do real. O conto é narrado em 1ª pessoa, o que possibilita ao leitor apenas o ponto de vista do narrador-personagem, que usa de vários adjetivos para caracterizar o coelho e as demais personagens, tudo de acordo com seus interesses e modo de ver a realidade em seu entorno. Há uma mistura no conto de elementos reais, seres humanos e suas rotinas, e fantásticos, coelho falante com habilidade de se metamorfosear. O conto pode ser dividido em duas partes: a primeira em que o coelho e o narrador se davam muito bem e a segunda em que acontece um desarranjo na amizade dos dois ao ser inserida uma terceira personagem, a Tereza, representação do desejo. No conto, a metamorfose do coelho nos remete à problemática existencial da civilização, ou seja, o sentido da vida, as dúvidas, o mistério, o absurdo, o vazio que sufoca. As metamorfoses marcam as máscaras das quais fazemos uso no dia a dia para nos adequarmos às situações cotidianas. Em meio a isso tudo, perguntamo-nos: quem realmente somos? Temos, assim, com esse conto, uma boa discussão sobre o problema da identidade que se perde em meio a tantas exigências sociais. Outro ponto importantíssimo no conto escolhido é o fato de que ele propicia ao leitor expectativas de como se dará a continuidade e o final da história, envolvendo o leitor até o final e provocando reflexões.

Para dar início às práticas de leitura, planejou-se uma atividade para diagnosticar o conhecimento prévio dos alunos em relação às noções de mistério, suspense, metamorfose e epígrafe, para só depois familiarizá-los com o gênero literário conto fantástico. Essa atividade instituiu a motivação inicial, por meio de uma enquete no grupo de *WhatsApp* da turma sobre os tipos de histórias lidos por eles, bem como



filmes de suspense a que já assistiram. Foi disponibilizado, também no grupo, um clipe da música *Metamorfose Ambulante*, de Raul Seixas, e após assistirem ao clipe, deveriam postar um comentário sobre a música.

Foram fornecidas algumas informações de modo a despertar o interesse dos alunos pelo conto, a começar pelo título, seguido da epígrafe, uma intertextualidade bíblica. Ainda como motivação, na primeira aula, foi proposto um debate sobre os comentários deixados no grupo. Na fase da introdução, segunda aula, foram projetadas imagens da capa do livro, bem como informações sobre o autor Murilo Rubião. Na fase da leitura e primeira interpretação, segunda aula, o texto foi dividido em duas partes, solicitou-se, no primeiro momento, que os alunos lessem silenciosamente, a primeira parte do conto. Após a leitura feita, foram tecidos comentários sobre o que eles entenderam do texto bem como o que esperavam da sequência. Provocando, assim, interesse para a leitura do restante do texto.

Na terceira aula, os alunos receberam a segunda parte do conto, quando também foram tecidos comentários. Para a fase de contextualização do conto lido, dividiu-se a turma em grupos. Cada grupo deveria retratar a temática do conto de uma forma, por exemplo, na contextualização teórica, como o conto retrata mudanças comportamentais, os alunos deveriam pesquisar sobre os hormônios da adolescência. Na contextualização estilística, solicitou-se aos alunos que fizessem um levantamento dos adjetivos usados no conto e explicassem a escolha do autor. Na contextualização poética, os alunos elencaram as figuras de linguagem presentes no conto, relacionaram o texto com outras obras, explicaram a relação da epígrafe com o conto.

Para finalizar o processo da prática de leitura, foram distribuídas algumas questões sobre o conto. Durante a análise das respostas, oralmente, percebeu-se que os alunos ampliaram o vocabulário, entenderam bem a temática do conto. Seguindo a proposta da sequência expansiva de Cosson, como segunda interpretação, foi solicitado aos alunos que, em dupla, reescrevessem o conto sob a ótica de um dos personagens constantes no conto, o Teleco, Tereza, o delegado, o vizinho agiota ou uma de suas irmãs. Os discentes foram instruídos que, ao darem voz a um narrador-personagem diferente, deveriam preencher as possíveis lacunas do conto original, com bastante criatividade, sem se esquecerem de marcar bem as características psicológicas do novo narrador. Após o texto elaborado, passado por



revisões, baseando-se na lista de verificação do conto, elaborada em conjunto com alunos, a leitura das produções foi compartilhada. Houve uma boa participação dos alunos e escolha do melhor texto.

Os alunos se manifestaram dizendo que no início, quando foi proposta a leitura de um conto, acharam que seria uma atividade entediante, mas que no decorrer da atividade foram tomando conhecimento do modo diferente de escrever do autor, bem como recordando tantas coisas com relação aos familiares, à infância. Foi gratificante também que os alunos sugeriram que fossem feitas leituras dramatizadas do conto, foi uma atividade enriquecedora. Outro ponto a destacar foi interesse de vários alunos em ler a obra completa. E mais, chegaram a sugerir que seria interessante ler também a obra *Metamorfose* de Franz Kafka, um trabalho a ser desenvolvido posteriormente. Tudo isso corrobora a nossa ideia primeira, a de que o texto literário cumpre um papel importantíssimo na formação do leitor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se promover o letramento literário, devolve-se à literatura seu papel de formadora de leitores na escola. A Escola é o espaço propício e privilegiado para a formação de um leitor consciente, competente de textos literários, mas é necessário estabelecer uma didática que contemple a leitura literária. A proposta de um projeto de letramento literário vai muito além do que criar o hábito de leitura, almeja, principalmente, o de criar o desejo da leitura por prazer, ampliando a concepção do mundo e desenvolvendo o senso crítico. É possível afirmar que, por meio do letramento literário, há uma grande contribuição na formação de leitores críticos, criativos, que encaram a desafiante atividade da leitura da palavra e do mundo, pois no decorrer da realização do letramento literário, muitas oportunidades de melhoria na relação dos alunos com a leitura são implementadas.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa: terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2.ed., São Paulo: Contexto, 2016.
- SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista brasileira de educação**, n. 25, jan/fev/mr/abr2004 p 5-17 Disponível em:
 [<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf >](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf) Acesso em: 5 maio 2016